



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e religiosidades [AT]

---

#### A RELIGIOSIDADE JUVENIL NAS DUAS ÚLTIMAS DÉCADAS

---

---

PEREIRA COUTINHO, José

Doutor/Religião

ISCTE-IUL

josemariacastro@netcabo.pt

---



### Resumo

Nesta comunicação pretendo abordar a religiosidade juvenil portuguesa, focalizando o catolicismo, pelo seu domínio no campo religioso português. Primeiro, analisarei a evolução da religiosidade (crenças, práticas e atitudes) dos jovens portugueses (15-24 anos) nos últimos vinte anos, baseado nos dados do European Values Study (EVS) de 1990 e de 2008. Segundo, tentarei explicar as alterações observadas. Da análise dos dados, conclui-se que o jovem português tende a acreditar e a recompor mais, mas a praticar e a seguir menos as normas católicas. As crenças têm aumentado, enquanto as práticas e as atitudes positivas relativamente às normas católicas regrediram. Ao mesmo tempo, as crenças não católicas crescem, o que demonstra a sua plasticidade, que vai ao encontro da teoria da individualização. É difícil destrinçar o efeito directo de cada variável ou quais as variáveis mais importantes na evolução religiosa. Será a socialização religiosa, principalmente através da família? Será o lazer, essencialmente na vertente das novas tecnologias, da sexualidade, do consumo? Enfim, todas contribuem de certa forma para a compreensão desta evolução.

### Abstract

In this communication I pretend to address the Portuguese youth religiosity, focusing Catholicism, by its dominance in Portuguese religious field. First, I will examine the evolution of religion (beliefs, practices, and attitudes) of Portuguese youth (15-24) in the last twenty years, based on data from the European Values Study (EVS) of 1990 and 2008. Secondly, I will try to explain the changes observed. From the data analysis, it is concluded that the Portuguese youngster tends to believe and to recompose more, but to practise and to follow less Catholic norms. Beliefs have increased, while practices and positive attitudes to Catholic norms have regressed. At the same time, the non-Catholic beliefs grow, demonstrating their plasticity, which is consistent with the theory of individualisation. It is difficult to disentangle the direct effect of each variable or which are the most important variables in religious evolution. Will be religious socialisation, mainly through family? Will be leisure, essentially through new technologies, sexuality, or consumption? Anyway, all contribute in some way for understanding this evolution.

Palavras-chave: Religiosidade; Juventude; Socialização; Família; Lazer

Keywords: Religiosity; Youth; Socialisation; Family; Leisure



## 1. Individualização

Com o desenvolvimento das sociedades pós-industriais ou terciarizadas, a individualização ou segunda secularização torna-se o paradigma sociológico por excelência para enquadrar as transformações religiosas. As formas não institucionalizadas de religião vão ocupando o espaço das religiões tradicionais. Esta revolução espiritual transfere a ênfase no transcendente para o indivíduo: a religião institucional decresce em benefício da espiritualidade subjectiva. Já Mauss (2008) argumentava pela crescente espiritualização e individualização das religiões. As religiões perdem tanto a sua tangibilidade como o seu cunho comunitário. O indivíduo torna-se agora o soberano do seu destino, afectando inevitavelmente a sua religiosidade. Como defende Lambert (1991), a religiosidade juvenil actual caracteriza-se pela primazia da felicidade individual e terrena, pela vontade de independência e de autonomia, pelo relativismo e pelo pragmatismo. Primeiro: os jovens actuais não acreditam em salvação colectivas, mas somente na felicidade individual. Querem ser felizes aqui e agora, não numa vida após a morte, abandonando ou reinterpretando a soteriologia cristã. Segundo: querem julgar e escolher livremente entre os produtos religiosos mais adequados para si, desenvolvendo *bricolage*. Terceiro: deixaram de acreditar no cristianismo como única verdade religiosa, uma vez que a religião se tornou escolha privada e a importância das religiões se tornou idêntica. Quarto: a verdade não vem da doutrina e da teoria, mas meramente da experiência pessoal, do que a religião fornece às vidas concretas.

## 2. Família e lazer

A família é o factor essencial da socialização religiosa. Como instituição principal de educação religiosa, no seu seio a herança religiosa transmite-se de geração em geração como cadeia de memória. Porém, esta transmissão religiosa encontra-se ameaçada, como defendem Campiche et al. (1997). Primeiro: a tradição já não continua a sustentar a vida individual e colectiva. Segundo: as crenças são legitimadas não pela autoridade tradicional mas pela sua utilidade. Terceiro: as crenças não são recebidas passivamente mas são activamente consumidas. Assim, as famílias são desafiadas hoje a conseguir ligar as experiências individuais aos conteúdos religiosos associados a determinada linhagem crente. Para além destas alterações conjunturais, a mudança substancial da estrutura familiar contribui seguramente para quebrar os elos da cadeia. De facto, as pessoas casam-se menos, mais tarde e mais civilmente; as rupturas conjugais crescem; as crianças nascem progressivamente em menor quantidade e no seio de coabitações<sup>i</sup>. Ou seja, a reprodução das linhagens crentes tradicionais, assentes em casamentos religiosos estáveis e em famílias alargadas, fica certamente comprometida com estas transformações em curso.

Às mudanças na família juntam-se as modificações no lazer. De facto, no lazer os jovens expressam-se na sua especificidade e diversidade, construindo a sua identidade sobre a experimentação afectiva, social e cultural. Durante as duas últimas décadas, estas experiências foram-se alterando paulatinamente: as afectivas assentando na expressão sexual, as sociais desligando-se da interacção presencial e as culturais convertendo-se especialmente em formas de consumo.

A mudança nas experiências afectivas implicou uma mutação ontológica importante. A passagem da concepção cristã de pessoa como ser unitário de corpo e alma à concepção dualista de objecto como exterior à pessoa. Esta transição levou os jovens, mais permeáveis à novidade, a desautorizar quaisquer intromissões relativas ao seu corpo, agora seu objecto pessoal. Certamente esta mudança foi acelerada e desenvolvida com o regime democrático, pela liberdade e igualdade inerentes. Primeiro: a TV, o cinema, a música, a internet, a publicidade difundem uma cultura erotizada. Segundo: a inserção das mulheres no mercado de trabalho liberta os filhos da tutela materna, oferecendo-lhes oportunidades experienciais. Terceiro: a disseminação da contracepção diminui o risco de gravidezes indesejadas.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) revolucionaram a forma como as pessoas se relacionam. Enquanto no princípio dos anos 1990 o computador, a internet e o telemóvel surgiam em Portugal, passados vinte anos todos os jovens usufruem-nos. Embora as TIC sirvam para aproximar e para reforçar laços,

possibilitam também o afastamento, o isolamento das pessoas, a existência de vidas centradas na virtualidade e não na realidade, assim como a fragmentação das histórias pessoais. Como defende Bauman (2007), as relações pós-modernas são fragmentárias, inconsequentes, pequenas e sem obrigações mútuas, cortando o envolvimento interpessoal.

As experiências culturais são crescentemente pautadas pelo consumo. Por um lado, a procura expandiu-se com o alargamento do poder de compra da classe média. Por outro lado, a oferta dilatou-se não só pelo estímulo da vontade de consumo e pela extensão dos pontos de retalho, como também pela oferta de mais produtos e serviços a preços atractivos. O consumo fornece aos jovens identidade, autonomia e relação, muito expressivas nas saídas nocturnas. Com a quantidade e a diversidade de oferta aumentada nas duas últimas décadas, os jovens frequentam espaços profundamente marcados pelo consumo (de música e de álcool, pelo menos), que lhes confirmam ou fornecem identidade e onde podem livremente expressar-se e relacionar-se. Como defende Lipovetsky (2010), os princípios do hiper-consumo invadem a alma religiosa: transitoriedade, liberdade de pertença comunitária e de escolha de comportamentos, primazia do bem-estar subjectivo e da experiência emocional.

### 3. Resultados e discussão

Após esta breve apresentação teórica, passo aos resultados. A figura 1 apresenta os resultados das crenças católicas. Em 1990, as crenças mais importantes foram pecado (47%) e Deus pessoal, seguidas de céu, vida após a morte e inferno (14%), com uma amplitude de 33%. Todas as crenças cresceram (pelo menos +9%), principalmente vida após a morte (+24%) e inferno (+22%). Assim, em 2008, vida após a morte e céu trocaram as suas posições e a amplitude desceu para 24% (pecado - 60%, inferno - 36%). A figura 2 mostra os resultados das práticas católicas<sup>ii</sup>. Cerca de 50% mantiveram os seus momentos de oração/meditação de uma ronda para outra, enquanto a frequência de serviços religiosos baixou 10% para 16%. A figura 3 mostra os resultados das atitudes<sup>iii</sup>. Em 1990, homossexualidade era o aspecto mais rejeitado, seguida por eutanásia e aborto. Em 2008, tiveram valores próximos: homossexualidade desceu significativamente 32%, enquanto eutanásia diminuiu 16% e aborto aumentou 2%. A figura 4 mostra os resultados das crenças não católicas: reencarnação passou de 17% para 35% e espírito ou força vital de 20% para 25%.

Porque é que a crença no pecado e no Deus pessoal é maior e no inferno é menor? Porque é que todas as crenças aumentaram, principalmente no inferno e na vida após a morte? Para ambas as questões, o desenvolvimento da individualização induz a reinterpretção heterodoxa das crenças ortodoxas ao sabor das necessidades individuais. Contudo, destacam-se crenças mais facilmente reformuladas em forma heterodoxa, como são eventualmente o pecado e o Deus pessoal. O crescimento maior da crença no inferno e na vida após a morte pode resultar dos seus valores significativamente mais baixos em 1990, tendo assim mais espaço para subir.

A frequência de serviços religiosos baixou possivelmente por três razões. Primeiro: a erosão da salvação cristã levou ao descrédito dos ritos salvíficos. Os jovens de hoje estão mais preocupados em salvar os pobres, a natureza ou os seus corpos e mentes. Segundo: a incoerência de sacerdotes e religiosos, mais divulgada pelas TIC, desencorajou a assistência à missa. Terceiro: o consumo, as saídas nocturnas, o sexo e as TIC retiraram tempo cronológico, e principalmente tempo psicológico, para outras actividades, a não ser que sejam divertidas e permitam liberdade de expressão. Não serão as experiências de concertos ou de noite, com rituais particulares, guiadas por deuses temporais (ídolos musicais) e sacerdotes nocturnos (DJ), similares às experiências xamânicas? Na verdade, os xamãs ouvem música, dançam e consomem substâncias psico-activas para estimular estados alterados de consciência (trances) para interagir com o mundo espiritual. De facto, estas liturgias nocturnas de recorte xamânico adequam-se mais ao espírito juvenil.

A resistência da oração pode ser enquadrada no desenvolvimento da individualização. As formas e conteúdos colectivos de oração convertem-se em orações individuais, conversas pessoais livres com o divino, podendo no limite tornar-se quase a única expressão de religiosidade. Para Lambert et al. (1997) a oração é forma moderna de confissão. Para eles, a oração reflecte a responsabilidade e o desenvolvimento individual para controlar o futuro e ultrapassar fraquezas, sem intermediários ou autoridade, sem pecado ou punição. A sua

flexibilidade e acessibilidade (qualquer pessoa pode aplicá-la em qualquer lugar e tempo) vão ao encontro da individualização.

Porque é que a recusa da eutanásia e principalmente da homossexualidade baixou enquanto do aborto manteve o seu valor? Primeiro: qualquer tipo de autoridade, nomeadamente autoridade eclesiástica, é mal recebido pela juventude. Eles gostam de opinar sem se prenderem a laços externos, porque se consideram fonte principal das suas regras. Quando se lançam fora da Igreja, provavelmente seguem mais as suas próprias regras. Segundo: TV e cinema ajudaram possivelmente a propagar um ambiente receptivo à eutanásia e à homossexualidade. Figuras públicas, estrelas de TV ou de música assumindo a sua condição homossexual, assim como a educação sexual nas escolas, provavelmente encorajaram a aceitação da homossexualidade. Terceiro: possivelmente o aborto poderia não descer mais, enquanto os outros indicadores baixaram até ao valor deste. Talvez as três atitudes tenham alcançado o mínimo valor possível, relativo aos católicos convictos.

Porque é que a crença no espírito ou força vital e na reencarnação aumentaram e principalmente nesta última? Com a disseminação das TIC, o mercado espiritual expandiu-se, permitindo a escolha livre e ampla dos produtos religiosos. Jogos, filmes, séries de TV e telenovelas estão provavelmente a estimular esta mudança. Também doutrinas da Nova Era e do budismo espalham crenças no sagrado imanente e não transcendente, assim como nos ciclos cármicos. Assim, talvez ambos os indicadores interessem a juventude, competindo com a ressurreição e o Deus pessoal. A força maior da reencarnação resulta porventura da ideia de permanência infinita da alma neste mundo, numa eterna viagem cíclica, o que vai ao encontro da concepção actual da eterna juventude em que a morte foi morta.

Por último, a família apresenta-se como factor chave na interpretação destas alterações. Fonte capital de religião, igreja doméstica, a família tem papel determinante. As famílias tradicionais vão diminuindo dando lugar a tipos conjugais diversos, gradualmente mais pequenos, assentes no casamento civil ou na coabitação e marcados por rupturas. Os estudos apontam para que a probabilidade de os filhos de casais mais religiosos, portanto inseridos em famílias tradicionais, serem mais religiosos é maior. Conjecturo ainda que a quebra do número de crianças com o crescimento da riqueza e o decréscimo da autoridade parental diminuiu a religiosidade juvenil. Os miúdos, mais protegidos mas mais livres nas suas vidas, têm menos capacidade para o sacrifício, para a responsabilidade, para o compromisso, pelo que não só são mais impacientes para desempenhar práticas religiosas repetitivas, mas também seguem as suas próprias regras e acreditam no que lhes apraz.

#### **4. Conclusões**

Entre 1990 e 2008, os jovens portugueses passaram a acreditar mais, tanto em crenças ortodoxas como heterodoxas, a praticar e a seguir menos as normas católicas. Estas conclusões limitam-se, contudo, ao período em análise, período máximo disponível. Esta ressalva é abreviada pela qualidade do EVS, certamente a base de dados internacional com indicadores mais interessantes sobre religião. Desta forma, espera-se que os dados reflectam com fiabilidade a realidade estudada. De facto, como defende Davie (2002), as práticas decrescerão, enquanto as crenças manterão a sua presença, embora crescentemente pessoais, heterogéneas e demarcadas da instituição religiosa, principalmente entre os jovens. Estas alterações religiosas advêm também das mutações na família e no lazer, como tentei desenvolver aqui. Mudanças na estrutura e no papel da família como transmissora religiosa explicam possivelmente a evolução religiosa em todos os seus três tipos de indicadores. Mudanças no lazer (sexualidade, TIC e consumo) explicam porventura a descida da assistência à missa e do seguimento das normas católicas, e o crescimento das recomposições religiosas, principalmente através das TIC. Em suma, a individualização é traço principal da nossa modernidade, como é reconhecido por vários autores.

#### **Bibliografia**

Bauman, Zygmunt (2007). *A vida fragmentada – Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio d'Água.

Campiche, Roland et al. (1997). Socialisation religieuse et reproduction familiale de l'identité religieuse'. In Roland Campiche (dir.), Cultures jeunes et religions en Europe (pp. 167-195). Paris: Les Éditions du Cerf.

Davie, Grace (2002). Praying alone? Church-going in Britain and social capital. A reply to Steve Bruce, *Journal of Contemporary Religion*, 17 (3), 329-334.

Lambert, Yves (1991). La religion et la recomposition du symbolique chez les jeunes français, *Social Compass*, 38 (4), 357-372.

Lambert, Yves (coord.) et al. (1997). Les croyances des jeunes européens. In Roland Campiche (dir.), Cultures jeunes et religions en Europe (pp. 97-166). Paris: Les Éditions du Cerf.

Lipovetsky, Gilles (2010). *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.

Mauss, Marcel (2008). *On prayer*. New York: Berghahn Books.

<sup>i</sup> Taxa bruta de nupcialidade: 7.2‰/4.1‰. Idade média ao primeiro casamento para mulheres/homens: 24.2/26.2-28.1/29.7. Casamentos não católicos: 27.5%/55.5%. Taxa bruta de divorcialidade: 0.9%/2.5%. Taxa bruta de natalidade: 11.7‰/9.9‰. Tamanho da família: 1991-3.1; 2011-2.6. Nados vivos fora do casamento com coabitação dos pais: 1995-14.3%/2008-29.2%. Fonte: PORDATA – valores de 1990 e 2008 (ou de anos próximos, sempre indicados).

<sup>ii</sup> Frequência de serviços religiosos reporta-se à soma das categorias 'mais de uma vez por semana' e 'uma vez por semana'. Momentos de oração/meditação referem-se à categoria 'sim'.

<sup>iii</sup> As atitudes reportam-se à categoria 'nunca'.

## Anexo

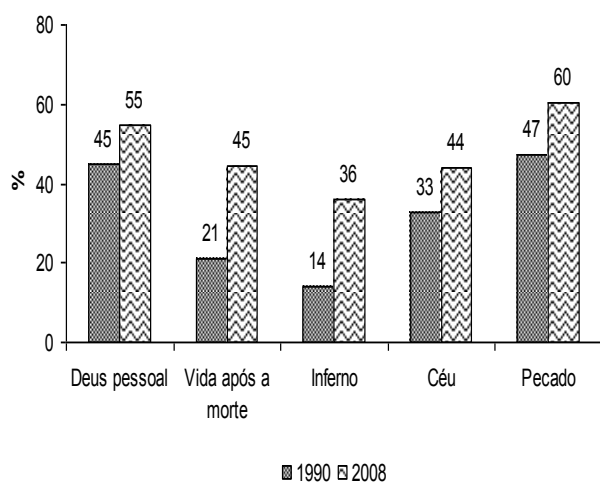


Figura 1 – Evolução das crenças católicas

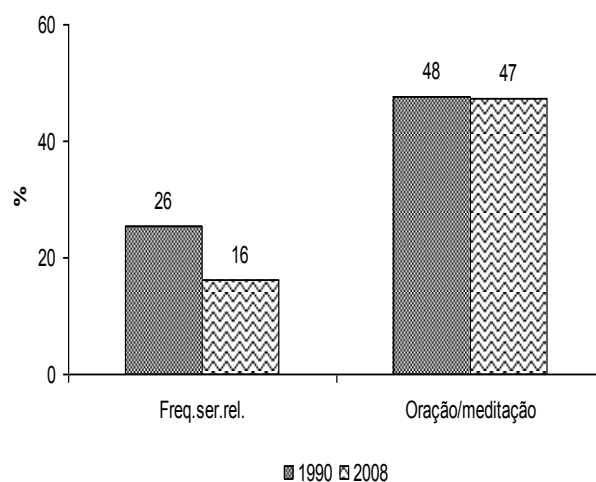


Figura 2 – Evolução das práticas católicas



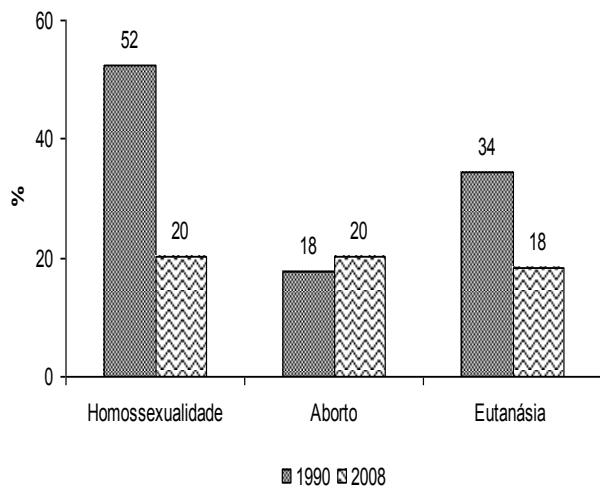


Figura 3 – Evolução das atitudes

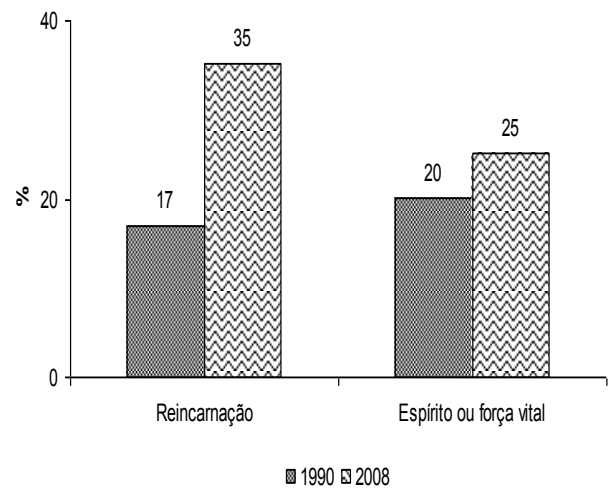


Figura 4 – Evolução das crenças não católicas